

my

JOSÉ AGOSTINHO

Jogos floraes
luso-callaicos

PORTO - 1921



•••• Livraria e Imprensa Civilização - Editora
Rua das Oliveiras, 75 - PORTO •••••

JOSÉ AGOSTINHO



Jogos floraes

luso-callaicos



1921

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

(EDITORA)

75, Rua das Olivétras, 77 — Porto

Do mesmo auctor

Historia de Portugal (As Noites do Avósinho) em 5 volumes.

Historia Sagrada, 2.^a edição, no prelo.

Tragedia Maritima, 2.^a edição, no prelo.

Satiras e Epigramas.

Modesta — (Biblioteca Infantil).

Os Desastres d'um solteiro — (Biblioteca das donas-de-casa).

Colecção — Os nossos escritores:

Guerra Junqueiro.

Sampalo Bruno.

Teofilo Braga.

Eça de Queiroz.

Alexandre Herculano.

O Crucifixo, no prelo.

O Homem em Portugal, esgotado.

A Chave dos Lusíadas, 1 volume, 2.^a edição.

PREFACIO

O velho sonho, o sonho do poeta das *Peninsulares* e o do prosador das *Litteraturas mortas*, vai realisar-se.

Ha muito que a alma gallêga sorri, carinhosa e fulgida, á alma portugueza.

Esse sorriso é de irmã.

E' puro como o ceu de Portugal e da Galliza. E este ceu não teme competências com o que illumina o Bosphoro ou a Hellade.

O seu sol tem o fulgor da gloria e da honra, tanto áquem como além Minho. O seu luar é o mesmo em terras de Portugal e em terras callaicas: a saudade.

A sinceridade e a bondade acompanham, como se fôssem brisas, tanto esplendor e doçura de sentimento.

Taes montanhas, taes corações.

Taes valles fecundos e risonhos, tal simplicidade e poesia.

Tudo irmão e, assim, tudo franco e sentido, laborioso e terno, palpitante e amavel.

A lingua, até essa, tem euphonias identicas.

Não é nada do arranco, emphase e desdem do castelhana.

Nada tem da morbidez sensual e volteira do andaluz.

As linguas dos dois velhos irmãos são harmoniosas e carinhosas, ricas e ondulantes sem lasci-

via nem caprichos. Diferenciam-nas, por vezes, tão leves modalidades, que se lhes distingue a comunidade da origem e da indole, e accusam sempre accents de tão viva pureza, que o carácter dos dois povos resulta n'elles o mesmo, honestamente passional, religioso, como que luminoso d'amores.

Não ha muito, honrado pelo grande poeta gallego Noriega com o pedido de um prefacio para a 2.^a edição do seu livro *Do Ermo*, e logo visitado por poemetos encantadores de D. Francisco Salgado y Lopez-Quiroga, eu verifiquei, com emoção, e tambem com esperança, que a poesia gallêga é, afinal, da que nós podemos chamar de veras nossa.

Descantam assim os poetas de veras portuguezes, os que, apartados de decalques vistosos, derramam a alma em cantares que lembram Bernardim e Camões, Gonzaga, João de Deus e Simões Dias.

E' a mesma technica simples, fluente de maviosidade, mais interior do que formal, muito do que João Grave, — surpreendentemente para mim — realisoou ha tempos nas *Fogueiras*, boas camaradas dos versos portuguezissimos de Correia d'Oliveira, Lopes Vieira, Alberto de Monsaraz, Antonio Sardinha, Campos Monteiro, Vaz Passos, e outros ainda — por Deus!

Assim, que espirital festa a nossa, ao pensarmos nos *Jogos floræes*, no certamen-alliança e es-

timulo, no duello-fraternidade que vae pôr em confronto as melhores lyras de Portugal e da Galliza, as que exprimam com mais verdade è doçura, o sentimento nacional que as inspira!

Como nos alvorça essa batalha de rosas silvestres, de lyrios do valle, de torrentes das montanhas lavadas, tão acima do langor, do artificio, da arte rebuscada e inerte das cidades cosmopolitas!

Não é um dever portuguez acoroçoar o emprehendimento, auxiliá-lo dentro do nosso pouco, defini-lo em todos os seus significados constelantes?

*

Tal o fim d'este opúsculo.

Não traz, porém, consigo um estudo profundo das duas nacionalidades irmãs.

E' uma falta.

Mas intencional em parte.

Não acreditamos — á puridade o dizemos — haver bons portuguezes que desconheçam o que é o sentimento da sua Raça; e, se alguns, por lethargo estranho, tanto ignoram, melhor é que despertem, ouvindo as vozes puras dos dois povos tão irmãos, do que se apavorem, e talvez retraiam, com exposições eruditas, mais ambiciosas de louros egoistas do que de fructos puros.

Sim, aos Jogos Floræes!

Jogos floraes luso-callaicos

A elles, para ouvirmos a alma gallega, e até para melhor entendermos a nossa.

A elles, para que as almas dos dois povos tenham, ao menos, uma compensação de tantas decepções e amarguras.

Aos Jogos floraes, para que, sejam quaes fôrem os destinos da Galliza e de Portugal, fique lavrado uma especie de auto côr-de-rosa, e constellado como o é o nosso ceu commum, dos desposorios espirituaes de dois bellos povos, dignos de serem livres, porque, fundamentalmente bons e operosos, são beneficios puros da grandeza peninsular.

Este opúsculo é na essencia, pois, um singelo, mas ardente, brado.

Acolhido com carinho na Galliza, como tudo o indica já em primores tocantes, por certo o applaudirá o verdadeiro Portugal, e isso basta, porque de verdadeiros portuguezes é a que a Patria precisa.

O AUCTOR.

As nacionalidades da Iberia não são menos integras e indebellaveis do que as dos Balkans, do que as que se emanciparam do jugo da Austria e da Allemanha, do que a Irlanda, modelo de fé e tenacidade que honra no norte da Europa o generoso, o primacial, espirito celta.

As nacionalidades da Iberia permanecem inconfundiveis ha muitos seculos. Não as tem podido extinguir as mais cavilosas e engenhosas combinações politicas, a força violenta das armas, os caprichos dos factos, que tantas vezes são ironias ignominiosas a acalcanharem principios e a impulsionarem homens.

Aquellas nacionalidades existem de facto na Iberia, frementes, vivas, gloriosas, como na Iberia existem fortes differenciações de clima, posição geographica, valor ethnico, costumes, tradições, glorias.

Para que a Iberia fôsse uma só nacionalidade, seria, afinal, preciso, naturalmente,

que, toda ella, sem relêvos, sem tantos entrechoques de aborigenes com invasores, sem variedade de aspectos, riquezas e temperatura, desde o seu coração ao littoral, sem mais que uma só face chorographica, ethnica e historica, apresentasse sempre a mesma physionomia no espaço e no tempo. Não é assim. A Iberia, por isso, tem varias nacionalidades, e de todas ellas a que mais nos interessa a nós, os portuguezes, é sem duvida a gallega, tão operosa, tão meiga, tão inconfundivel.

Esse interesse provem, aliás, de duas causas preponderantes: a sympathia devida a um estreito parentesco, e o espirito de justiça que protesta contra a depressão do povo iberico que mais de perto conhecemos, embora ainda imperfeitamente.

O nosso parentesco é tão intimo como flagrante.

Attestam-no o aspecto physico dos habitantes e do sólo, a similitude de costumes e crenças, da lingua e dos proprios sentimentos. E' o mesmo corpo robusto e espaduado, o mesmo olhar carinhoso e sonhador, a mesma actividade paciente e infatigavel. E' a mesma ingenuidade piedosa e crédula, o mesmo saudosismo, profundo e permanente, a mesma bravura indominavel, quando o coração vibra e o sangue aquece.

No gallego como no portuguez ha o grande contemplativo ao pé do trabalhador heroico, o homem passional que, de relam-

pago, tem extasis de Santo, o grande lavrador e o grande soldado, o grande marinho e o grande poeta.

E' assim tambem parecida a terra. As lindas e floridas montanhas da Galliza continuam as nossas. Os seus valles e campos são o prolongamento carinhoso das nossas veigas e pradarias. Os casaes gallegos tem o mesmo cunho, as mesmas hortas, e alpendres, os mesmos gados, a mesma lareira, as mesmas lendas, as mesmas festas, a mesma vida patriarchal e mansa.

São semelhantes ás da Galliza no tom e no poiso as nossas ermidas, e as proprias cidades, mais invadidas pelo cosmopolitismo, offerecem tanta similhaça nos seus centros civicos, que todas parecem, quasi sem excepção duma só, serem do mesmo paiz, animado pela mesma tradição historica.

A lingua, todos nós sabêmos quanto parece identica.

Nos nossos centros mais civilizados julgam o idioma gallego uma especie de degenerescencia co-irmã dos nossos provincianismos; e, comtudo, degeneração mais certa do portuguez vernaculo é a maioria dos nossos vocabulos citadinos, empavonados de barbarismos que doem tanto como inas e sacrilegios.

Riem pseudo-cultos, por exemplo, dos *x* fortes da Galliza, das trocas dos *b* pelos *v*, da sonoridade dos diphtongos nasais, etc.; mas, quem viaja por Traz-os-Montes,

pelo Minho e pelas Beiras, lá encontra esses tons e inflexões, e quem tem leitura consciante dos nossos velhos classicos, verifica que a morphologia e prosodia dadas pelo nosso povo, em concordancia com as da Galliza, são geralmente aquellas que os cultos dos nossos velhos tempos usavam com constancia e elegancia, tão refractarios á excessiva latinidade como á moda gauleza.

E, enunciado isto, logo acóde á mente uma verdade basilar: a de que o que multos julgam civilisação, progresso, brilho, não é mais do que degeneração e desnacionalisação. Emfim, como corollario justo, encontra-se ainda que, nos povos onde mais se resiste áquella supposta civilisação, é que palpitam as forças vivas e invenciveis das nacionalidades, impondo-as dentro da sua missão pura.

Pelo que explicado fica de passagem, que uma só das regiões dum paiz póde salvar todo esse paiz, abastardado e como que renegado, se, arcando tenazmente com todas as aggressões ao seu espirito nacional, lograr alçar-se sobre as tristes ruínas que a degeneração provoca sempre, aos poucos porventura, mas infallivelmente, como veneno vagaroso, mas fatal, que mata sem dó.

Não — e permitta-se-me um longo parenthesis, antes de entrar mais no assumpto — não riam os hyper-civilisados, os grandes, os desdenhosos criticos, da teimo-

ria regional que os affronta com a permanencia de usanças, dizeres e crenças. Não riam, porque rirão de si proprios, coveiros das patrias em nome da utópica destruição de fronteiras, do nivelamento de tantas montanhas sagradas, de tantos pincaros que, destruidos, deixariam correr impune-mente o cruel vento que faz os desertos.

E, muito menos, tentem deprimir, asphyxlar, estrangular, o que chamam boçalismo, ignorancia, fanatismo, ingenuidade cómica, quando é sinceridade, intuição profunda, veneranda fé.

Se o conseguissem, ferir-se-iam principalmente a si proprios, preparando, pelo menos, aos seus filhos um futuro de abjecção, ruína e ignominia.

Cada regionalismo que se deprime é uma força que se mutila no organismo nacional, é uma reserva que se inutilisa e que, portanto, não apparece, quando alguem emerge á beira do abysmo a querer salvar, pela dignidade, o martyr colectivo de desvarios ou de prepotencias.

E, se assim é relativamente ao regionalismo menor, áquelle que sem perfeito organismo encerra, comtudo, muitas das melhores tradições dum paiz, que dizer-se do menor attentado contra uma nacionalidade perfeita, embora intelligentemente disposta a obedecer, com outras, ao mesmo Estado político para conter invasores que facilmente tripudiariam, ao clarão de incendios

separatistas, sobre as ruínas duma Raça inteira?

Por simples justiça também, pois, nós, os verdadeiros portuguezes, temos uma sympathia viva e permanente — ou antes, progressiva, depois de cotejarmos os nossos destinos — pela autonomia e puras glórias da Galliza, a modelar celta.

Porque, se nem o parentesco nem a justiça nos determinassem esse affecto, bastaria decerto a singularidade da similhaça dos destinos, o parallelismo estranho das nossas e das suas épocas de esplendor, escravidão e apathia, para nos approximar de tão bello povo.

Quando Portugal soffre, é sempre, como na Galliza, depois dum esforço épico pelo triumpho e consolidação do seu nacionalismo. Quando prospera, é sempre, como na Galliza, depois de convertida a resignação com a derrota na maior intensidade do esforço, no heroismo.

E, enfim, êsse esforço é tanto mais formidavel nos dois povos, quanto se alimenta dentro duma apparente indifferença, numa fleugma de sonho, num vigoroso e puro mysticismo, para que seja sempre verdade que não ha espirito mais sólidamente prático do que o mystico, e que a voz do silencio é muitas vezes eloquencia e acção definitiva.

*

Comtudo, alguma coisa de sinistro por-

fia em separar irmãos tão de sangue e alma.

Será a politica?

Mas a politica intervem então injustamente numa fraternidade que não sonha nem separatismos nem systematismos governativos. A Galliza reconhece a supremacia politica do Estado hespanhol; seja este Monarchia ou Republica. Como poderia elle querer influir, portanto, no regimen politico portuguez?

E para quê, se, em vez de procurar distanciar-se de nós, deseja approximar-se, attrair-nos, festejar-nos, dar-nos o prestimo?

Por outro lado, os tradicionalistas portuguezes devem ser insuspeitos aos grandes senhores castelhanos. Os nossos tradicionalistas admittem de bom grado que os Estados Unidos ou a Suissa sejam essencialmente republicanos, ou que a Hespanha seja monarchica liberal, sem por isso se retrairer nas relações com quaesquer dêsses povos. O seu cuidado é restaurarem o espirito nacional dos seus, e demasiadamente complexa é a obra da reconstrucção para que se embarcem com conflictos iníquos.

O unico inimigo certo do nosso tradicionalismo é a anarchia, nacional ou estrangeira. Assim, se a Hespanha fôsse a Suissa, Portugal fraternisaria lealmente com o cantão da Galliza sem a menor intenção reservada quanto a systema politico, e o mesmo faria, se a Hespanha fôsse politica.

mente a Belgica, a Hollanda ou a Inglaterra. O nosso nacionalismo quer para si o que a tradição lhe offerece, como vida única, e nada tem com a vida alheia. Porque é, pois, que a Hespanha politica parece, ás vezes, favorecer este divorcio triste, em que nós vivemos, da nacionalidade gallêga, tão nossa irmã?

Porque ha certamente um mal-entendido e que offerece muitos aspectos, como todos os absurdos.

O fundamental desses aspectos deriva da nossa velha desconfiança, propria de antigos opprimidos pela Hespanha e, ao mesmo tempo, escorre da suspeita, criada ha poucos anos, com pertinaz intensidade, de que os portuguezes conspiram contra a unidade hespanhola.

Ora a Hespanha, se nos opprimiu, reconhece ha muito que não pode ser feliz, opprimindo-nos, ou tentando opprimir-nos. Não ha hoje uma só verdadeira consciencia hespanhola que não sinta que a autonomia prosperidade de Portugal é segurança fortissima da prosperidade da Iberia. Assim o pensa e sente a Hespanha a nosso respeito, e será, por signal, ella um poderosissimo Estado politico, quando o pensar e sentir com a mesma sinceridade ácerca da Galliza, das Vascongadas e da Catalunha.

Em contraposição, não ha hoje nenhum verdadeiro portuguez que almeje dilacerar a Hespanha em proveito de qualquer secta-

rismo politico ou de qualquer utopia conquistadora, sempre infeliz como o fôram as ambições dos Reis D. Fernando I e D. Affonso V.

E' que não ha nenhum perfeito nacionalista desconhecedor de que o dilaceramento da Hespanha em farrapos interluctantes seria a morte da Iberia, a qual tem de ser grande e una, nas suas relações com os povos d'além Pyrineus, embora essa unidade, para ser perduravel e fecunda, deva assentar na possivel autonomia de cada uma das suas nacionalidades.

E, alem dêste mal-entendido fundamental, ha outros, secundarios, mas insistentes, como o commercial e o industrial, encarando a concorrência como um perigo, exaggerando a competencia na conquista de interesses, feita com ardor tão excessivo, que, por vezes, azedando os d'aquém e d'além-fronteira, reduz o nosso convívio mercantil a pouco mais de varias manobras de contrabando, mesquinhas, perturbadoras.

Emfim, um tanto como consequencia destas desconfianças e mal-entendidos, mas ao pé d'ellas como secundaria causa, anda um orgulho inferior que, sob o aspecto litterario-artístico, tem distanciado os portuguezes não só dos hespanhoes em geral, mas dos proprios gallêgos, tão nossos pelo amor do Bello, pelo saudosismo profundo da sua Arte, por qualidades que nós em vão continuamos a procurar maniacamente na

frívola elegancia franceza e n'outras mascaradas origens.

E assim nos afastamos do que, por tudo, está perto de nós pelo espaço reduzido, e pelo coração amovavel, palpitante como affecto que nunca esquece a quem ama.

*

Posto isto, os Jogos floraes luso-callaicos, essa bella ideia que o illustre escriptor e amigo Cervaens y Rodriguez apostolisa com fulgor e prestigio, alegra ineffavelmente o verdadeiro nacionalismo portuguez — tenho essa absoluta fé.

Considerado o delicado certamen sob o seu aspecto immediato, ha um estimulo utilissimo e vigoroso.

Esse estimulo é-nos bem preciso a nós, portuguezes, cujas glorias litterarias tantas vezes são as de mero decalcadores, e até quasi copistas, da arte parisiense.

Poetas de genio temos tido, afogados por essa mesma mania mórbida, e assim emergem bastantes, ha muitos anos, desde que o romantismo, procurando embora as fontes tradicionalistas do nosso povo, o fez, porém, todo vestido á franceza, e tambem á ingleza, apartando-se da nossa Lei e da nossa Grey, mais ainda do que do despotismo classico.

Não reforçemos com a covardia moral tanta vergonha e tambem hypocrisia.

Quantos, como João de Deus, Simões

Dias e Anthero de Quental, quantos como Herculano, Castilho, Camillo, e ás vezes Garrett, quantos como Julio Diniz, Conde de Monsaraz, Rebello da Silva, influenciados pelo estrangeiro, receberam, contudo, o impulso sem ficarem com o carimbo desnationalisante?

A cada passo — não é verdade, sinceros lusitanos? — tiramos o chapéu não só a conceitos conhecidos de escriptores exóticos, como a versos inteiros, mal disfarçados, de Hugo, Musset e Lamartine, de Baudelaire ou Rollinat, a concepções varias do *boulevard*, a sentenças e chalaças que assombram os nossos beócios, mas que fais-caram nos roda-pés dos diarios e revistas da França.

Como são, por vergonha nossa, numerosos os consagrados feitos assim sem um só vislumbre do sentimento nacional, filigranistas mimálhos ou trovões convencionaes, que apenas conseguem envenenar-nos á francêza ou embebedar-nos á russa, explorando a novidade que bebem descaradamente no que em nada é nosso, nem propicio ao que nosso deveras é!

Ora os Jogos florais luso-callaicos vêm pôr em amavel duello comnosco poetas que, repellindo os moldes estrangeiros, nos ensinam como são grandes as inspirações nacionais sentidas e vividas deveras.

E não temâmos excessiva derrota, se tão mal orientadas andam as nossas letras,

é nomeadamente a crítica mais vulgar, essa pobre recoveira que, não raro, dignificaria os lendários faciosismos da *Revista de Edimburgo* a propósito de Byron, se comparada fosse, a... incomparável.

A emulação foi sempre benéfica para povos da índole do nosso e, além de que já não faltam em Portugal poetas deveras tradicionalistas, muitos dos transviados bem sabem onde procurar o que têm desprezado e lhes é indispensável agora, se quizerem ser conscientes — aspiração simples de que tanto se têm esquecido.

Creio, finalmente, que neste lance muitos pasmarão das riquezas que uma espécie de pânico lhes fará descobrir; e, convertidos deveras, se para já não podem dar a técnica simples e sincera que lhes grangele louros, ao menos, arripiarão caminho, voltando as costas aos focos eléctricos de Paris, e olhando, com atenção, ternura e progressivo sentimento, para os nossos luars admiráveis, os mesmos que inspiraram Rosalia, Curros Enríquez, Golpe, Aldao, Noriega, Francisco Salgado, e dezenas d'outros, deliciosos até ao extasis.

Mas enfim os Jogos floraes, pondo em contacto duas línguas tão próximas parentes, farão recíprocar mais benefícios, e dum modo decisivo e fecundo.

E eu creio que estes benefícios são maiores para nós, os portuguêses, os mais

pobres, embora podendo ser millionários. A nossa língua, depois de Castilho e Camillo, ganhou em barbarismos o que perdeu em archaísmos, alguns tão expressivos como monumentos.

O próprio Eça, malfeitor brilhantíssimo que chacinou o melhor do vernaculismo, o confessou nos últimos tempos de sua vida, não hesitando elle, o antigo fundibulario contra o proprio Herculano, mas fundibulario por meio de ironias subtis, duvidosamente corajosas, em reclamar um novo Castilho para a restauração e purificação do gentil idioma portuguez. Quer dizer, a anarchia da arte de escrever antecipou-se em Portugal e todas as outras, e a ponto de ser um dos seus mais prestigiosos corípheus quem veio depois pedir ordem, regressão ás fontes puras, ou seja a reabilitação da nossa linguagem. Mas, depois d'elle, quem tem remado contra a maré sinistra? Um punhado de insulados, emquanto, como onda ainda predominante, o renome litterario chega a ser quasi privativo de dois agglomerados: o daquelles que mais curiosamente abarregam os solecismos com o barbarismos, e os daquelles que mais chinezmente rendilham, plagiando morbidez as estrangeiras, os conceitos mais assucarados e dissolventes.

Anatole France, por exemplo, é, na linguagem e na philosophia sceptica, brilhante mas ôca, tal preocupação de tantos dos

nossos grandes litteratos, que lê-los a éstes com heroica pachorra nos dispensa de comprar os trabalhos amorais do famoso francez, atheniense a campar constantemente de Epícuro.

*

Precisamos, pois, muito do contacto directo com um dos mais bellos ramos da arvore a que tambem pertencem as nossas flores e folhagens, os nossos perfumes e os nossos bálsamos.

Ouvindo os poetas da Galliza, a nossa voz aprenderá a purificar-se e a dignificar-se, a perder tonalidades contrafeitas, a rejeitar falsêtes deploraveis, a substituir pelo canto livre e bello a *voz de cabeça* com que nós pretendemos impingir varios genios, emquanto Hugo, Baudelaire, Musset, gemem nas suas campas, roubados, saqueados, violados até á medulla, emquanto Zola, Daudet, Mendés, Rostand, Richepin, Anatole France, são convertidos á força em fornecedores de pênas de pavão.

E, ao mesmo tempo, aprenderemos a ser mais indulgentes com os nossos vigorosos provincianismos e mais justiceiros com as nossas elegancias cosmopolitodravazes.

Descobriremos, por Deus, que a nossa nacionalidade tem, como a gallêga, filôes ricos, magníficos, dignificantes, assegurando-nos a certeza dessa visão o facto de a Galliza ter uma alma irmã da nossa, por-

que a entenderemos logo que a oiçámos vibrar, planger, *saúdosar*.

Quantos horisontes novos para esta nossa Arte, tão frequentemente grotesca de forçados espalhafatos, de sublimidades sybillinas, de torturas de ourivesaria banal, toda servil e incaracteristica!

Quantas revelações, e tambem quantos remorsos uteis, quantas surpresas emfim, promettedoras de muitas reconsiderações efficazes!

*

Mas, ao mesmo tempo, os *Jogos floraes* devem acarretar ainda outras consequencias de fecundidade prática.

O nosso mercado litterario é mesquinho, salvando-o deveras a avides leitora e generosa do Brasil. E essa mesquinheza contribue para que o litterato lusitano seja um inimigo nato do seu camarada, disputador dum naco de queijo tão pequeno, que mal chega para um, atacado febrilmente por tantos.

Não se ampliará êlle, êsse mercado, despertando no povo gallêgo a vontade de conhecer esta pobre, mas linda, litteratura que tanto tem fugido ao convivio da Peninsula, mas que, porque Portugal ainda vive, tem aqui e alli um ardoroso e fulgente cavalleiro do nacionalismo? Sim, se os *Jogos vão*, como é positivo, encaminhar tantos dos nossos desorientados — pelo menos, os mais novos e, portanto, sinceros — não é

de esperar também que a Galliza dê largo curso ás nossas obras, fortificando-nos assim duplamente, pois que equivale a conquistar o publico peninsular, especialmente o castelhano, cada vez mais curioso — até por observação política — do que pensam e sentem nacionalidades como a Galliza e a Catalunha?

E, sendo assim, os nossos *francêzes*, inconvertíveis decerto, liquidam, como é justo, muito mansamente, em habilidosos, em phonógraphos de luxo, ainda que grande parte da imprensa os sirva em reclâmos, que hão de ir affrouxando a pouco e pouco; e êste pequeno mercado entender-se-á pela península, prolongando-se remmune-radoramente até á America hespanhola, como era sonho ancioso de José Simões Dias, o precursor illustre do illustre José Cervaens y Rodriguez.

E, por seu turno, a Galliza, e naturalmente a Hespanha toda depois, nada perdem. Damos-lhes não só os pouco numerosos leitores de Portugal e colonias, como os muitos do Brasil, e entretanto, fortificado de tal sorte o espirito de repulsa pela leitura francêza, como iguaria predominante, se não exclusiva, quem pôde calcular os innúmeros beneficios materiaes, mentaes, morais, artisticos, que para a Peninsula derivarão a seguir com a pureza e solidez dos bons effeitos de causas nobres?

*

Aprestêmo-nos, pois, para o certamen. Não o saudêmos só; façâmo-lo nossa obra e nosso fito supremo.

Leiâmos na nossa consciencia com verdade e bom-senso, e façâmos depois por comprehender que, se ella nos apresenta manchas e torturas, é principalmente porque nunca a approximâmos, ao menos, da de irmãos nossos que á consciencia fôram buscar o segredo d'êsse prodigio de, esmagados por um despótico poder civil, nos impôrem a sua nacionalidade, sempre brilhante e viva, não pelas armas, elementos que as contingencias destróem logo depois do triumpho perfunctorio, mas sim pelas letras e pela sciencia, pela alta philosophia do direito e pela originalidade honrada da Arte, originalidade que só pode existir, quando o artista vai haurir a inspiração no sentimento da nacionalidade a que pertence.

Sim, façamos o exame de consciencia antes de correremos ao torneio, para que os nossos irmãos, em vez de encontrarem verdadeiros poetas portuguezes, não tenham de enjoar-se com parnasianismos ficticios, com adaptações habilidosas dos camafeus de Hérédia ou das hugoanas investidas de Rostand; para que nós, tão ciosos de independencia, não appareçâmos sempre barbeados e penteados á parisiense, cosmetizados, perfumados, faceiras, e assim tão

portuguêses como o ultimo dos papagaios sem patria certa que vem falar a nossa lingua, encarapitado ridiculamente num poleiro que não deriva das florestas virgens da América, nem d'um legitimo castanheiro lusitano.

Ainda temos tempo para o preciso preparo.

Não cumpre, porem, remexer bibliothecas, mas ouvir desde já, com simplicidade, o verdadeiro povo, e depois escutar a voz intima da Raça, que fala sempre em cada um de nós. Num dos seus momentos felizes, procedeu assim Garrett, deixando-nos o *Romanceiro* depois de commeter arremêdos das tragedias de Addison e Voltaire, em tiradas mais frias do que as de Ponsard. Ignácio Pizarro de Moraes Sarmiento, tão admirado por Camillo, como desdenhado pelos nossos *francêzes*, seguiu o mesmo trilho, e assim Antonio Ribeiro Saraiva, esquecido por conjura liberalona. José da Silva Mendes Leal, o nosso primeiro poeta epico do seculo XIX, não traçou senda diversa, apesar de offuscado pelo romantismo francez.

E, operando-se assim, logo, com brilho e verdade o nosso theatro, por exemplo, não parará em Gil Vicente e pouco mais, o que estimulará o theatro gallêgo a seguir-nos o exemplo, já que o theatro é a provincia litteraria mais morta na vida gallêga; os nossos contos e romances colherão nos da

Galliza a alma que, com excepção das obras de Trindade Coelho, — os *Meus Amores* é um livro unico — Aquilino Ribeiro, Rodrigo Paganino, Pedro Ivo, e poucos mais, tem sido tão de Paris como as nossas gravatas; emfim, o nosso tradicionalismo será mais amplo, limitando, por exemplo, segundo a lição de Vicente Risco, os excessos da theoria municipalista em proveito do bello, do fecundo, do basilar parochianismo, que é entranhadamente nosso como o é da Galiza.

E, seja como fôr, se por agora ainda os maus e inveterados habitos nos condemnarem á inferioridade, eu tenho viva fé em que ella será consoladoramente resgatada num novo e próximo certamen. São notorios os prodigios do brio lusitano.

Concorrei, pois, poetas portuguezes, mas escutando só a voz da Raça, aos Jogos floraes luso-callaicos, na certeza de que assim approximais da vossa alma, consciante ou desvalrada, um grande sôpro de verdade, sinceridade e amor!

*

Como um grito de justiça e fé, "grito d'alma, ahí fica o meu pobre appêllo.

A vida litteraria e artistica do nosso paiz lembra as mesquinhas festas dum *sol e dó* que geme convencionalismos banaes em quintal do arrabalde, disse alguem.

Ampliêmos o quintal, fazendo-o jardim

onde possâmos receber sem vergonha
tem elegância natural, belleza, vigor,
guia, e tanto que, politicamente subalt
representa, comtudo, não só uma das
bellas nacionalidades da Iberia como
lhor núcleo da vida e gloria da raça
—núcleo, ao qual, por Deus, nós pert
mos de direito, até provarmos, em
que pertencemos de facto.

n = [quem]
l- = [fidal-]
o, = [subalterno,]
s = [das mais]
- = [o me-]
a = [celtica]
e- = [pertence-]
s, = [obras,]

FIM